

Velhice: Também Uma Questão De Gênero*

Mara Rúbia Sant'Anna**

Velhice e relações de gênero são coisas antigas, mas novas para o pensamento acadêmico.

Depois de uma trajetória um tanto oscilante da história de mulheres, atualmente gênero é definido como categoria de análise histórica.

Como metodologia de abordagem da sociedade, as relações de gênero buscam encaminhar a análise de forma que as diferenças entre homens e mulheres e as especificidades destas diferenças na conformação de uma relação social, sejam consideradas¹. Portanto, para compreendermos homens e mulheres precisamos buscar a dimensão das relações sociais e históricas implicadas na construção dos significantes que permeiam o meio vivido; separá-los seria perdê-los.

A suposição de uma linearidade e de uma unicidade espaço-temporal da questão do idoso levou à negação das relações de gênero entre os idosos pois, erroneamente, julgam que todas as diferenças decorrentes do sexo já foram anuladas e que as mulheres por não serem mais férteis poderiam ser consideradas assexuadas. Mesmo em estudos mais recentes², a dimensão dos gêneros não é equacionada. Velhos e velhas sofrem formas diferentes de recriminação e desprestígio e estes compartilhando entre si espaços próprios que a sociedade lhes atribui, constroem relações bastante específicas, onde a hierarquia nas relações entre homens e mulheres e as mais distintas dimensões das relações de poder levam à conformação de um espaço nada homogêneo.

Há, portanto, trabalhos que falam de velhas, outros de velhos, tratados de gerontologia que falam de uma categoria homogênea e universal, onde nem a dimensão das classes sociais são

** Graduada em História, em 1990, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Iniciou o mestrado em História em 1994. Orientadora: Dr^a. Maria Bernadete Ramos Flores.

¹ Sobre este assunto ver: SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, 16 (2):5 - 22, jul/dez, 1990. p.5.

² É o exemplo dos trabalhos desenvolvidos por Guita Grin Debert em artigo intitulado: "Pressupostos da Reflexão Antropológica sobre a Velhice", que realiza devassa sobre as dimensões em que são pensadas a velhice, no entanto não faz referência a questão dos gêneros.

consideradas. No entanto um trabalho se destaca, o de Michelle Perrot: *Práticas da Memória Feminina*³, que ao abordar como a memória feminina é construída e como o historiador pode vê-la olhando a série de padrões que lhes são incorporados em sua educação, como também atentando à forma de instituição de seu papel social no grupo, nos leva a deduzir que da mesma forma as demais dimensões da vida, na velhice, também serão distintas das dos homens. Isto ocorre não por um determinismo biológico ou uma inexorável condição do tempo sobre o organismo feminino ou masculino, mas sim devido às relações históricas e sociais que permearam todas as suas vidas.

Sem terem chegado à amplitude destas conclusões, os trabalhos de Esmeralda A. C. Medeiros e o artigo de Myriam M. Leite de Barros⁴, elucidam claramente que viver ou não em solidão na velhice, ou ter ou não uma vida participativa na velhice, não são resultados da velhice em si, mas o resultado de toda uma vida, do projeto e objetivos de vida que nortearam o proceder destas mulheres, seja em sua fase adulta ou na velhice. Sem equacionar a dimensão da relação do gênero ao analisar as entrevistas de "suas" mulheres, estas autoras contribuíram para desmitificar os estereótipos de solidão e inatividade como características inerentes da condição da idosa.

Minha proposta de trabalho objetiva perceber, através de diferentes circunstâncias históricas que a assistência dada ao idoso ajudou a defini-lo, bem como os espaços que estes poderiam ocupar na sociedade. Mediante esta premissa e incorporando a relação do gênero a minha metodologia, desde o início das pesquisas, fui sensível à realidade vivida por homens e mulheres da 3ª idade.

Olhando para os asilos de hoje, constatamos que para as mulheres viverem nestes ambientes descaracterizados é perder importantíssimos pontos de referência: não existe mais sua cozinha, nem seu quintal, suas relíquias não podem mais permanecer nos locais que gostaria; os espaços são sempre coletivos e a casa onde edificou sua vida e onde possivelmente criou os seus filhos, se perdeu. Quando ainda lhes restam forças, disputam com outras mulheres o direito de ditar as normas do espaço doméstico.

³ PERROT, M. "Práticas da Memória Feminina". *Revista Brasileira de História*. São Paulo. 9(18): 9 - 18, ago/set. 1989.

⁴ MEDEIROS, E. A. C. *Mulher na 3ª idade. Uma tentativa de levantamento de determinantes da solidão*. Tese de Mestrado. Instituto de Psicologia, PUC-CAMP, 1983.

BARROS, Myriam M. L. de. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: *Perspectivas Antropológicas da Mulher*, v. 2, R.J., Zahar Editores, 1981. p. 11 - 69.

Os homens, por sua vez, segregados a outros espaços do asilo, mais distantes das irmãs de caridade e das funcionárias, vivem este mesmo espaço (totalmente feminino) de maneira diferente e lhes atribuem um outro significado para esta vivência. Também para eles pode ser doloroso a vida no asilo, assim como a lembrança da falecida esposa, dos antigos colegas de trabalho e de sua liberdade de circular pelos espaços públicos que se tornaram apenas lembranças. Num espaço de moralidade rígida, o direito de tomar seus aperitivos e de fumar são coisas tão proibidas para eles quanto o é para as mulheres.

Mas a maior parte dos idosos não se encontram em asilos e embora haja quase sempre perdas (de parentes e companheiros que morreram, por exemplo), para estes a velhice se reveste de outros significados. Atualmente, grande parte das senhoras idosas estão incumbidas da criação dos netos, enquanto filhas e noras trabalham fora de casa. Estas, até certo ponto presas por estes compromissos inadiáveis, criaram significados novos para a sua vida, dividindo-a entre a casa, grupos de senhoras existentes nos mais diversos pontos da cidade e a caridade religiosa.

Os homens, estigmatizados pela condição de aposentados, buscam diversas formas de ocupação do tempo livre. Seja trabalhando na economia informal para sobreviver e não se distrair, ou se distraindo para sobreviver. Muitas vezes a tentativa de adaptação à cooperação doméstica é motivo de sérias crises conjugais. Assim sendo, a velha permanece útil e indispensável, enquanto o velho, estereotipado pela improdutividade, vive "passando o tempo".

Transferindo nossas discussões das observações do presente vivido pelos idosos para a dimensão histórica da construção da velhice, continuaremos deparando-nos com situações que bem representam a inveracidade da concepção que velhice é algo assexuado.

O primeiro passo a ser realizado para abordar a problemática da velhice, historicamente, é deixar de conceituá-la como categoria universal e de considerar sua problemática como algo imanente à espécie humana. Como afirma Debert: "a velhice é uma categoria socialmente produzida"⁵. Entre as categorias de idade, que como construções culturais, mudam historicamente, a categoria velhice viu-se sobre a tutela de um saber específico - a gerontologia - ser caracterizada por poucos aspectos positivos que constantemente a atrelam à idéia de problema. Como afirma a autora acima, as categorias de idade constituem "realidades sociais

⁵ DEBERT, G. G. Pressupostos da Reflexão Antropológica sobre a Velhice. Textos Didáticos: Antropologia e Velhice. Campinas. 13 (2): 7 - 31, março/1994, p.8.

específicas, uma vez que operam recortes no todo social, estabelecendo direitos e deveres diferenciais no interior de uma população, definindo relações entre as gerações e distribuindo poder e privilégios"⁶.

O constante atrelamento da velhice à idéia de problema e a própria instituição contemporânea da velhice em problema social, transcende a idéia mecanicista que os explica pelo crescimento populacional dos idosos. Afirma Lenoir: "um problema social é uma construção social e não o puro resultado do mau funcionamento da sociedade"⁷, pois tornar algo em problema social é equacionar em quatro dimensões uma situação particular: o reconhecimento, a legitimação, as formas de pressão e as formas de expressão.

Feitas as considerações indispensáveis, cabe-nos agora expor através da abordagem da problemática da velhice, como homens e mulheres em seus embates cotidianos foram alvos da assistência social à velhice.

Na década de 60, no Brasil, estava em pauta nos discursos políticos e intelectuais, nas revistas, rádios e jornais, a proposição desenvolvimentista. O Brasil vivia o novo tempo, o da construção do futuro, que chegaria mediante o esforço conjunto do povo brasileiro. O imperativo era desenvolver primeiro a indústria, os potenciais de energia elétrica, depois integrar as regiões e, finalmente, quando o "bolo" houvesse crescido, repartir as riquezas. Embalado por este canto épico surgem as primeiras sociedades, clínicas e livros sobre a gerontologia.

Buscando a dimensão estatística poderemos levantar algumas conclusões dos censos demográficos das décadas de 50 e 60 e então vislumbrar o quanto representavam os idosos e em especial as mulheres, neste cenário que começamos a montar. Da década de 1950 para a de 1960 as mulheres passaram, dentre a população ativa, a representar de 15% para 50% do total, e entre estes 50% haviam 6% de mulheres com mais de 60 anos trabalhando, enquanto apenas 2% dos homens em mesma faixa etária trabalhavam⁸.

Esses dados nos levam a concluir que, possivelmente, a década de 60 representou um período de grande conquista econômica para o país e para as mulheres, e que sua atuação no

⁶ idem, p.12.

⁷ LENOIR, R. *Objet Sociologique et problème social*, In: DEBERT, 1994:23.

⁸ Conforme informações do Censo Demográfico 1956 - Série Nacional, v. 1 IBGE, R.J., 1956 e Censo Demográfico de 1960 - Brasil, VII - Recenseamento Geral do Brasil, Série Nacional, v. 1, IBGE, Departamento de Estatística de População, R.J., 1960.

meio social não era mais restrita ao ambiente doméstico. Sua circulação e conquista do espaço público deveriam ter alterado sua conotação na sociedade. No entanto, observamos através dos jornais catarinenses que o espaço conquistado por elas não era uma afronta direta à territorialidade masculina. Jornais como "O Estado" e "A Gazeta", que circulavam em Florianópolis na década de 60, destinavam algumas páginas e colunas aos interesses femininos, mas estes interesses não tinham muito de político. Para os editores, faziam parte dos interesses femininos apenas as culinárias, cuidados com as crianças, os tratamentos de beleza e entre eles, dicas para o retardo do envelhecimento, etc. Eram alguns dos títulos dos artigos destes jornais: "Especial para as mulheres", (sobre receitas); "Perigo Feminino à vista", (o feminismo é causa das doenças dos maridos); "No lar e na sociedade", (dicas e receitas)⁹. Portanto, tais jornais, apesar de adversários políticos, avaliaram igualmente suas leitoras como afoitas de saberes que reforçariam os papéis sociais de mãe, de boa esposa, de cozinheira, e, ornando todos estes dons, necessário era saber ser cheirosa, macia e conservada fisicamente.

Cenário montado, cabe-nos deter o olhar sobre determinados personagens: os geriatras. Esses personagens se organizaram no Brasil a partir de 1961 quando é fundada a "Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia", na cidade do Rio de Janeiro. Até então os problemas decorrentes da velhice, fossem estes físicos ou mentais, eram tratados pelos clínicos gerais. Com a fundação dessa Sociedade e a administração quase regular da nova ciência nos cursos de medicina dos grandes centros, altera-se o quadro de atenção médica à velhice. Tais alterações não se remetem exclusivamente às práticas hospitalares ou consultoriais, abrangem um nível mais extenso, à medida que um saber generalizante começa a dar, com suposta precisão, os contornos dos problemas geriátricos tendo, em especial, forte preocupação em prescrever a previdência, pois velho já era o ditado: "antes prevenir do que remediar". Extrapolando as medidas terapêuticas, o conhecimento geriátrico atravessa os muros dos hospitais e conquista espaços significativos nos meios de comunicação de massa, como jornais e livros não técnicos.

Esse é o caso exemplificado pela atuação do Dr. Mário Filizzola. Grande defensor das causas geriátricas, escreveu três livros abordando o tema através de linguagem simples, sem nenhuma preocupação em escrever tratados médicos-científicos, mas sim em convocar todos à luta desfraldada em favor da velhice digna e reconhecida. Além dos livros, possuiu por três anos consecutivos coluna em jornais cariocas de grande circulação, como o "Diário de Notícias" e "O

⁹ Respectivamente informo os dados dos títulos de artigos citados: "Especial para mulher", em O Estado, de 1 de janeiro de 1960, p.3., "Perigo Feminino à vista", em O Estado, de 16 de janeiro de 1960, na coluna: "D'aquém e d'além mar", "No lar e na sociedade", em A Gazeta, de 04 de janeiro de 1960, p. 2.

Globo". Nestes artigos a inspiração era única: "Urge proteger e amparar a velhice... caso o Brasil fosse agora um país desenvolvido, o que fatalmente terá de suceder no futuro próximo." ¹⁰ Como vemos o personagem de fato faz parte do cenário, compartilha do enredo e a ciência, tão propagada como neutra, estava casada com comunhão universal aos projetos políticos e econômicos da elite dominante: a emergência de transformar o Brasil em grande nação suscitava a urgência do equacionamento da problemática da velhice.

Mas as relações de gênero...

Diferente das problemáticas tratadas durante a urbanização, o enfoque de assistência aos idosos muda. No início do século XX observamos que determinada circunstância histórica engendrou uma forma de assistência que ocasionalmente veio a ser também dada ao idoso, já que a preocupação era com a mendicância e não com a velhice em si. A década de 60, ao contrário, promoveu a assistência direta ao idoso, que em determinadas condições era encarado e assistido.

No entanto, apesar de afirmamos que a motivação da assistência mudou substancialmente de uma circunstância para outra, podemos concluir que as relações de gênero continuaram não sendo levadas em conta. Geriatrias e defensores dos direitos dos idosos, como outrora, elaboraram discursos genéricos, onde a dimensão homem e mulher não era pensada, nem mesmo a dimensão das classes sociais.

Ao início do século a beneficência generalizava como carentes de assistência uma determinada classe, os mendigos, sem observar que entre eles haviam as mais gritantes variâncias: idosos, cegos, aleijados, órfãos, dementes. Da mesma forma, o saber gerontológico generalizou a todas as classes e sexos as possibilidades eminentes de tais e tais doenças ou incapacidades decorrentes do avanço dos anos sobre o corpo físico. Arelada a esta construção científica, mantinha-se a idéia de velhice como problema e a relativização de quem deveria ampará-la foi modificada mediante os critérios adotados para a determinação de quem era o idoso.

¹⁰ FILIZZOLA. M. "Velhice Situação de Milhões". Diário de Notícias, ano XXXV, n. 12864, 2ª seção, p. 1, em 15 de outubro de 1964.

Passando à apresentação de alguns trechos destes discursos encontrados em jornais e livros, podemos constatar com maior facilidade os aspectos que lhe são pertinentes:

"O desenvolvimento humano é um dos mais altos propósitos da vida humana. O desenvolvimento humano é tanto a se tornar mais humano, em outras palavras, a se tornar mais humano. O desenvolvimento humano é tanto a se tornar mais humano, em outras palavras, a se tornar mais humano." ¹¹

"A nova veloz trouxe a cidadania, trouxe os direitos e obrigações, trouxe a participação pela força de trabalho que deu à pátria durante a sua vida, a sua vida, a sua vida. Não se queira com a cidade, não se queira com a cidade, não se queira com a cidade. Não se queira com a cidade, não se queira com a cidade. Não se queira com a cidade, não se queira com a cidade. Não se queira com a cidade, não se queira com a cidade." ¹²

Analisando detidamente os trechos discursivos acima citados, podemos perceber que o conceito de veloz é autor-expressivo em sua concepção e é mais abrangente do que o conceito de veloz em seus contornos.

A primeira citação demonstra como o conceito de veloz é mais abrangente do que o conceito de veloz em seus contornos. A primeira citação demonstra como o conceito de veloz é mais abrangente do que o conceito de veloz em seus contornos. A primeira citação demonstra como o conceito de veloz é mais abrangente do que o conceito de veloz em seus contornos.

Desta forma podemos discutir a segunda citação que demonstra como o conceito de veloz é mais abrangente do que o conceito de veloz em seus contornos. A primeira citação demonstra como o conceito de veloz é mais abrangente do que o conceito de veloz em seus contornos.

Esclarece Wanderley dos Santos que: "o reconhecimento de que o profissional e o sindicato público defendem, assim, os interesses da cidadania e da cidadania". ¹³ Desta forma, o reconhecimento de que o profissional e o sindicato público defendem, assim, os interesses da cidadania e da cidadania.

¹¹ BELIZOIA, M. Casa Embalar (1980) São Paulo, S. P. Companhia Editora Nacional, p. 101.

¹² *idem*, p. 101.

¹³ SANTOS, W. O. Cidadania e justiça política social no Brasil. São Paulo, S. P. Companhia Editora Nacional, 1970, p. 101.

Afirma Filizzola:

"O envelhecimento humano é um dos mais sérios problemas do mundo em que vivemos, e tende a se tornar maior ainda, na medida em que o nosso País atinge o desenvolvimento econômico." ¹¹

"A nova velhice recusa a caridade, exige os direitos a que se julga merecedora pela força de trabalho que deu à Nação durante a sua longa e proveitosa vida... Nem as igrejas com a caridade, nem as famílias por seus problemas, mas ao Estado é que cabe a responsabilidade dos cuidados com o velho." ¹²

Analisando detidamente os trechos discursivos acima citados, poderemos salienta qual conceito de velhice o autor exprimia em suas considerações e quais critérios eram adotados para definir seus contornos.

A primeira citação demonstra com clareza o espírito otimista do autor que, compartilhando da proposta desenvolvimentista, acreditava na brevidade de conclusão do projeto de nação que à época era vinculado. Sendo sua inspiração desenvolvimentista e sua crença a certeza que o Brasil seria uma grande Nação, nada mais coerente do que lutar para que a velhice, já tão numerosa e expressiva em seu tempo, conquistasse espaços mais dignos dentro deste grande país.

Desta forma poderemos discutir a segunda frase apresentada. Filizzola, ao afirmar que a velhice possuía direitos por toda a contribuição que através de seu trabalho havia dado à Nação, não desconstruiu a idéia que velhice é um problema, mas apenas que deixara de ser problema afeito à caridade para ser do Estado. A mudança desta relação de assistência é efeito, claro e objetivo, dos parâmetros que no momento são tomados para constituir o cidadão.

Esclarece Wanderley dos Santos que: "a regulamentação das profissões, a carteira profissional e o sindicato público definem, assim, os três parâmetros no interior dos quais passa a definir-se a cidadania."¹³ Desta forma, possuir cidadania e direitos diante do Estado é algo decorrente da instituição da profissão exercida, e assim sendo, Filizzola, ao considerar que a

¹¹ FILIZZOLA, M. Como Emplacar 100 anos, 3ª ed. S. P. Cortez, 1966, p. 10.

¹² idem, p. 19.

¹³ SANTOS, W. G. Cidadania e Justiça: política social na ordem brasileira, R. J., Campus, 1979, p.76.

velhice tem direitos perante o estado, a pensa mediada pelas contribuições que o idoso, com seu trabalho, deu para o crescimento da Nação. Desta mesma forma, ao falar está referindo-se a um determinado grupo que envelheceu: os trabalhadores regulamentados. Revendo a trajetória da formação dos institutos previdenciários constataremos que, gradativamente, os mais diversos setores da sociedade foram reconhecidos como cidadãos, à medida que eram açambarcados pelo Ministério do Trabalho, tendo suas profissões regulamentadas.

Se o autor delimita a assistência à velhice pelo trabalho realizado, seria de supor que as mulheres nos discursos gerontológicos teriam espaço reservado e que a pauta tão genérica da prática assistencialista anterior não se repetiria na década de 60, já que observamos estatisticamente que as mulheres desta época trabalhavam tanto quanto os homens. No entanto fazemos suposição equivocada se observamos a citação abaixo:

"Exercendo uma doce tirania sobre esta civilização, a mulher soube impulsioná-la no sentido do conforto do lar e do bem-estar da criança... Depois de cessada a função mamária a mulher se debruça contemplativa sobre o passado, reverente e prostrada adora-o como a um Deus... Mas é nesta fase que a velhice espera da mulher proteção, carinho e bondade. É muito antes, na sua fase procriadora e mamária, fase na qual ela poderá demonstrar todo o seu valor e toda a sua dedicação à velhice do lar que nela confia e a ela se confia." ¹⁴

Vemos que o mesmo autor trata a velhice feminina e a mulher dubiamente. A mulher é distingüida por sua função mamária e procriadora, é caracterizada pelo serviços que presta ao lar que a ela é confiado. Mas a velhice feminina fica subentendida nas palavras traçadas. Essa é caracterizada como aquela que pára, que sai do seu tempo e debruça-se sobre o passado contemplativa, que cessada sua distinção, murcha, como flor sem raízes e espera. Nos jogos de palavras fala-se de mulher e de velha como seres distintos, valorando uma e ornando a outra.

Extrapolando os limites das linhas transcritas do jornal, o que podemos perceber das relações de gênero? A lógica que rege a configuração de velhice é nítida: velhice tem direito porque construiu a Nação; no entanto a mulher velha, nem mais mulher é considerada, pois afinal perdeu suas funções mantenedoras da vida e não mais trabalha, apenas recorda e se confia a outras mulheres.

¹⁴ FILIZZOLA. M. "Uma doce Tirania". *Diário de Notícias*, n. 12869, 2ª seção, p. 1, em 3 de novembro de 1964.

A pequena frase, contida na citação anterior: "Mas é nesta fase que a velhice, espera da mulher proteção, carinho e bondade", bem demonstra a classificação da velhice como algo assexuado, afinal esse termo e o mulher estão em campos distintos da frase. Também reforça mais uma vez a definição de velhice como problema que precisa do amparo de alguém.

Mais importante do que este reforço é observar em que dimensão a velhice feminina está colocada. Ao referir-se à velhice de maneira geral, Filizzola afirma que "às famílias por seus problemas" não cabia o amparo à velhice, no entanto ao falar da velhice feminina, recorre ao ambiente doméstico o seu amparo. Esferas distintas de reconhecimento são articuladas¹⁵, exatamente porque a dimensão relacional da problemática não é aventada. Situação que decorre da postura sexista do autor, que ao olhar sua sociedade não a percebe ocupada por mulheres trabalhadoras, que também através de sua "longa e proveitosa vida", davam sua força de trabalho à Nação.

As conclusões que podemos chegar, após a configuração da circunstância histórica que engendrou os discursos gerontológicos deste período, não é algo muito distinto do que observamos para a problemática anterior. Sem adentrarmos pelas portas dos asilos que funcionaram na década de 60, podemos vislumbrar através das palavras escritas em livros e em jornais, as pertinências entre a produção científica e as idéias-valores que predominavam na época.

Os discursos gerontológicos construíram uma categoria homogênea, cujos critérios para sua caracterização foram laçados das experiências vividas pela classe média e pelos homens. Assim sendo constatamos que a conceituação da velhice e a defesa de quem idealmente deveria ampará-la, passou obrigatoriamente pela observação da vivência e critérios, que apenas a classe média tinha condições de atender. Viam as partes e as julgavam o todo. Desta forma, ao falar em direito e amparo à velhice mediante a ação do Estado, estão falando para a classe média, pois a realidade vivenciada pelas classes subalternas, com seus minguados aposentados, era totalmente diversa da suposta por estes intelectuais.

As relações de gêneros, nestes discursos, ficam situadas junto às discussões da construção do espaço da velhice feminina como que distinto daquele destinado aos homens. Pois apesar do discurso buscar a forma genérica, a velhice, e a defendê-la sem salientar as

¹⁵ er KERBER, L. K. "Separate Spheres, female worlds, woman's place: the rethoric of women's history". *The Journal of American History*, v. 7, n.1, jun/1988. Este artigo faz análise minuciosa da suposição que a sociedade se articula por esferas separadas, uma feminina e outra masculina, e conseqüentemente, privada e pública.

realidades diferentes vividas pelos sexos, em suas maneiras de expressão, ficou caracterizado o não enquadramento da velhice feminina nos mesmos parâmetros que serviam para a constituição dos direitos masculinos.

Concluindo a análise das relações de gênero neste 2º período, podemos então afirmar que não houve, por parte dos discursos produzidos, uma modificação radical na questão. Novamente, como ao início do século XX, a assistência à velhice era propalada como se nesta fase da vida os seres humanos tornassem-se assexuados. Porém, em alguns pontos, o que podemos observar, são práticas diferenciadas em que homens e mulheres são relativizados de maneiras diferentes, conforme o padrão que prevalecia em cada uma das épocas estudadas. Porém, diferente do momento anterior, foi nesta década de 60 que ficou marcada nitidamente uma separação, entre a argumentação caritativa e a científica, e foi através desta que se organizou a base discursiva da postura adotada pelo Estado, em relação à velhice.¹⁶

¹⁶ Ver SANT'ANNA, M. R. Velho: quem é este sujeito? Onde é o seu lugar? *Revista Catarinense de História*. 3ª Milênio, Fpolis, 2: 24 - 34, 1994.